

PE. LEONEL EDGARD DA SILVEIRA
FRANCA, S.J.: REITOR DA PRIMEIRA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO BRASIL

*Pe. José Carlos Brandi Aleixo, S.J.**

Resumo

O artigo aborda a trajetória do filósofo Pe. Leonel Edgar da Silveira Franca, enfocando sua contribuição intelectual, por meio de sua formação, produção literária e produção apostólica e acadêmica.

Palavras-chave

Igreja Católica, Companhia de Jesus, educação, universidade católica.

I. Introdução¹

Para traçar o perfil de uma personalidade, é da maior relevância levar em conta os acontecimentos e as circuns-

* Pe. José Carlos Brandi Aleixo, S.J., é doutor em ciência política pela Universidade de Georgetown e professor titular aposentado da Universidade de Brasília.

1. Como aluno, no Rio de Janeiro, do Colégio Santo Inácio, nos idos de 1946 e 1947, o autor divisou a figura serena, afável e ascética do

tâncias de sua época. O mundo, a Igreja Católica e o Brasil experimentaram singulares transformações durante os 55 anos da laboriosa vida do Pe. Leonel Edgard da Silveira Franca (1893-1948).

As ilusões da *Belle Époque* findaram com a devastadora conflagração intercontinental de 1914 a 1918. A derrota de Berlim e a criação da Sociedade das Nações não asseguraram a sonhada paz. Em menos de três décadas, houve capítulos dramáticos como a Revolução Russa de 1917, a Marcha de Fascistas sobre Roma em 1922, a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, a ascensão ao poder do Nazismo em 1933, a Guerra Civil Espanhola de 1936 a 1939, a 2ª Guerra Mundial (1939-1945) com a derrota do Eixo, a Guerra Fria, com grave confronto entre Washington e Moscou, o início de novo processo de descolonização.

A Igreja Católica conheceu, neste período, cinco pontificados. Leão XIII (1878-1903), grande humanista, com visão mais positiva do Mundo Moderno, estabeleceu fecundo diálogo com as mais diversas nações², estimulou estudos exegéticos e históricos e promoveu o catolicismo social, advogando melhores condições de vida para o operariado. Pio X (1903-1914) voltou-se mais para a renovação espiritual e litúrgica e a defesa da ortodoxia. Bento XV (1914-1922), não conseguindo evitar a primeira Guerra Mundial, empenhou-se em abreviar sua duração e promulgou o Código de Direito Canônico (1917). Pio XI (1922-1939) pôs fim à espinhosa Questão Romana pelo Tratado Lateranense (11.2.1929), inaugurou a Rádio Vaticano (1931), condenou o fascismo (*Non abbiamo bisogno*, 1931), o nazismo (*Mit brennender sorge*, 1937) e o comunismo (*Divini Redemptoris*, 1937). Pio XII (1939-1958), com o lema *OPUS JUSTITIAE PAX*, batalhou pelo estabelecimento de uma paz justa, pela limitação do conflito e pela ajuda às vítimas das hostilidades, combateu extremismos, encomiou o sistema democrático (Radiomensagem de Natal de 1944).

Pe. Leonel Franca, várias vezes, nos corredores e em sessões de cinema (talvez seu único lazer) do mesmo educandário. Foi por ele examinado, na forma de entrevista, quando candidato ao noviciado dos jesuítas. Dele traçou, em latim, em Nova Friburgo, em 1951, na Revista *Classicum*, do Juniorado, em cinco capítulos, breve bosquejo biográfico (*Lucens et ardens*).

2. Fato eloqüente e elucidativo foi sua mediação exitosa, em 1885, a pedido das Partes, entre a Alemanha e Espanha sobre as Ilhas Carolinas. Ver: ZAMFIRESCO, Jean. (1911). *De la Médiation. Thèse pour le Doctorat* — Paris, Pedone, p.111-146.

Os acontecimentos anteriormente mencionados repercutiram intensamente na história civil, militar, literária e religiosa do Brasil. No centenário de nossa independência ocorreram a Semana de Arte Moderna, a insurreição no Forte de Copacabana e a fundação do Partido Comunista. Setores da nova classe média, ampliada pela prosperidade advinda do cultivo do café e de incipiente industrialização, mais cosmopolita, ansiavam por novos rumos. A Revolução de 1930, pondo termo à República Velha, promoveu reformas políticas e sociais tais como a Justiça Eleitoral, o sufrágio universal secreto, o primeiro Ministério do Trabalho da América Latina e uma Legislação Trabalhista. Nesta década, surgiu e cresceu a Ação Integralista Brasileira. De 1937 a 1945, sob a Ditadura do Estado Novo, o Brasil conheceu o Manifesto dos Mineiros e combateu com os Aliados na 2ª Guerra Mundial. Após o término desta, caiu o governo autoritário. Com o pleito de 2 de dezembro de 1945 e a Magna Carta de 1946 a nação ingressou em regime constitucional.

Poucos anos antes do nascimento de Leonel Franca, com a implantação da República, veio a separação da Igreja e Estado. Para os católicos, de modo geral, isto prenunciava grave perigo para o Altar³. A grande exceção foi o padre Julio Maria para quem a Igreja, desfrutando de maior liberdade, haveria de cumprir melhor sua missão religiosa e social⁴. Se a separação, no Brasil, não acarretou perseguições como as sofridas na França, com a *Loi de Séparation*, de 1905, em Portugal de 1910 com a expulsão de muitos religiosos do território nacional, ou no México com a Constituição anti-clerical de fevereiro de 1917, desembocou, no entanto, na laica Carta Magna de 1891 com até discriminações como a do artigo 70 que declarava eleitoralmente inalistáveis os religiosos.

É nestes cenários, concisamente descritos, que Leonel Franca nasceu, cresceu e concluiu sua fulgurante trajetória. Valham como introdução a este perfil as inspiradas palavras de Alceu Amoroso Lima no concorrido sepultamento do mestre e apóstolo, na manhã de 4 de setembro, de 1948:

Padre Franca. Tal era a irradiação de sua personalidade excepcional que aqui venho em nome de três instituições culturais, das

3. Conhecido hino das Congregações Marianas rezava: *O averno rugue enfurecido, Altar e trono quer destruídos.*

4. Julio César de Moraes Carneiro, positivista, viúvo duas vezes, convertido, tornou-se o Padre Júlio Maria e ingressou na benemérita Congregação dos Redentoristas.

quais duas das mais insignes em nosso país, trazer-lhe o último adeus de seus companheiros, amigos e discípulos.

São seus companheiros do Conselho Nacional de Educação, a mais alta instituição pedagógica do país, são seus amigos e assistidos do Centro Dom Vital e d'A Ordem, e são, enfim, seus discípulos e colegas da sua Faculdade Católica de Filosofia que me honraram com a incumbência insigne de vir aqui para dizer, em poucas palavras, sua imensa saudade e o vácuo insubstituível que a todos nos traz a sua perda. (...)

Aqui estão seus discípulos, aqui estão seus amigos, aqui estão seus companheiros de hábito, aqui estão aqueles que o sangue uniu desde o berço ao seu próprio sangue. Aqui estão também seus livros, suas idéias, seus conselhos, tudo aquilo que viveu no seu coração ou na sua inteligência e daí passou a dar vida, ânimo, conforto, estímulo, ao coração e às inteligências dos que se encontram de olhos úmidos e almas partidas, e da legião daqueles que pelo Brasil afora nesta hora também choram conosco a sua morte. Todos eles são de certo modo seus filhos, seus filhos pelo espírito, pela inteligência, pelo coração. Todos eles representam o testemunho vivo da fecundidade espiritual das grandes renúncias, das supremas opções. Sua vida foi uma contínua irradiação, um exemplo de cada minuto.

Sua missão, Padre Franca, foi pôr ordem em nossos espíritos inquietos e paz em nossos corações atormentados. Estranho paradoxo o seu. No meio de nossa geração, de homens nascidos no último decênio do século passado e que iríamos desferir vôo, como adultos, entre as mais incríveis e imprevisíveis tempestades, no meio de uma geração angustiada, sofredora, inquieta, o Sr. foi o sinal luminoso da serenidade, da harmonia, do equilíbrio (D'Elboux, 1953, p.503-4).

II. A formação

Em 1893 o engenheiro civil e professor, na Bahia, da Escola Politécnica, Justino da Silveira Franca e sua esposa Da. Maria José de Macedo Franca, encontravam-se no Rio Grande do Sul. Dirigia ele a construção da ferrovia entre Cacequi e Bagé quando, aos 6 ou 7 de janeiro do ano seguinte, lhes nasceu, em São Gabriel, o terceiro filho, Leonel. Com as enfermidades dos dois primeiros e a morte de um deles, fixaram nova-

mente residência em Salvador onde o futuro educador foi batizado aos 19 de maio do mesmo ano. Após realizados aí os primeiros estudos e a morte da mãe, Leonel, em 1906, matriculou-se, como interno, no 3º ano ginásial, no renomado Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, dirigido pela Companhia de Jesus. Sentindo o chamado de Deus ingressou, em São Paulo, nesta Ordem, a 12 de novembro de 1908. Concluídos o noviciado e os estudos de Letras, em São Paulo, freqüentou, com pleno êxito, de 1912 a 1915, em Roma, o Curso de Filosofia, na famosa Gregoriana, mãe das universidades eclesiásticas.

De 1915 a 1919 exerceu o magistério na capital federal, no Colégio Santo Inácio. Retornou à Itália em 1920 onde durante quatro anos dedicou-se à Teologia, no mesmo educandário de antes. Obtendo excelentes notas, doutorou-se em Filosofia e Teologia em 1924. Para completar sua formação de Jesuíta fez a sua Terceira Provação, ano consagrado à Ascética e Mística, e ao estudo do Instituto, espécie de segundo noviciado, na pequena cidade espanhola de Oya, próxima da fronteira com Portugal. Durante os oito anos de Europa, visitou numerosos países, aprendeu ou aprimorou vários idiomas, foi discípulo de exímios mestres e colega de pessoas que como ele se projetariam em diversas áreas do saber. Se tudo isto muito o enriqueceu, mais importante foi o fato de que ao longo de todos os anos de sua formação, quer no aconchego de sua fervorosa família, quer nas dependências do Colégio Anchieta, quer nos claustros das casas da Companhia de Jesus, plasmou-se um verdadeiro varão de Plutarco, de profunda vida interior, disciplinado, senhor das mais sólidas virtudes, entre as quais uma exímia humildade e um grande zelo apostólico, sempre predisposto para servir a Deus e ao próximo. Este o grande segredo de sua personalidade que explica sua magnífica obra literária (recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras), seus notáveis dons de diretor espiritual, de conselheiro e de reitor universitário.

III. Produção literária

Os escritos e alocuções de Leonel Franca estão amplamente elencados no Apêndice III da clássica biografia elaborada pelo seu confrade Pe. Luiz Gonzaga D'Elboux⁵. Estão divididos, geralmente, em ordem cronológica, da seguinte maneira: 1. Livros publicados (14); 2. Prefáci-

5. Op. cit. p. 489-506.

os de livros (12); 3. Artigos e resenhas (74, dos quais 14 na Revista *Verbum* da Universidade Católica do Rio de Janeiro, por ele fundada); 4. Sermões, discursos e conferências (mais de 110); 5. Conferências pedagógicas às professoras públicas e normalistas do Colégio Sacré Coeur de Jesus (46); 6. Conferências para o Centro Dom Vital (37); 7. Instruções aos Congregados Marianos (23); 8. Conferências no Instituto de Formação Familiar e Social (45); 9. Conferências repetidas (28).

A publicação dos trabalhos de Leonel Franca ocorreu não só no Brasil (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Manaus, Porto Alegre, São Paulo etc), mas também no exterior (Argentina, Espanha, Holanda, Itália, Portugal). Muitos artigos e entrevistas saíram em diários, particularmente do Rio de Janeiro (*Correio da Manhã, Jornal do Brasil, Jornal do Comércio*) e em revistas de variada periodicidade, vinculadas a instituições quer acadêmicas quer profissionais (*Anuário das Faculdades Católicas, Gregorianum, Revista Brasileira de Pedagogia, Revista Brasileira de Estatística, Verbum*) quer religiosas (*Anais da Sociedade Jurídica Santo Ivo, Boletim da Associação de Professores Católicos, Boletim Oficial da Ação Católica Brasileira, A Ordem*). A Editora Agir lançou, nos anos 1952, 1953 e 1954, a coletânea *Obras Completas do Pe. Leonel Franca S.J.* nos seguintes 15 volumes: I — *Noções da História da Filosofia*; II — *A Igreja, a Reforma e a Civilização*; III — *Polêmicas*; IV — *Divórcio*; V — *Alocuções de Artigos*; VI — *Catolicismo e Protestantismo*; VII — *O Protestantismo no Brasil, Lutero e o Sr. Frederico Hansen*; VIII — *A Psicologia da Fé*; IX — *A Crise do Mundo Moderno*; X — *O Método Pedagógico dos Jesuítas*; XI — *O Livro dos Salmos (tradução)*; XII — *Liberdade e Determinismo*; XIII — *O Problema de Deus*; XIV — *A Imitação de Cristo (tradução)*; XV — *A Formação da Personalidade*.

A mera leitura dos títulos acima mencionados demonstra a variedade e complexidade dos temas abordados. Cabem algumas considerações, breves que sejam, sobre alguns deles.

Em 1918 Leonel Franca publicou seu primeiro livro. *Noções de História da Filosofia* respondeu a vivas instâncias de vários alunos, desejosos de um subsídio seguro para a preparação de exames, assim como de um guia para a aquisição de conhecimentos sólidos. A edição de 1921 incluiu importante capítulo sobre a Filosofia no Brasil. Em seu prefácio, escreveu o autor: *A verdade é o anelo supremo de nossa alma*. Na sétima edição, de 1940, há o acréscimo de mais 50 páginas sobre a Filosofia Contemporânea. O livro atingiu seus objetivos, preenchendo lacunas e apresentando, em nível introdutório, valiosa síntese histórica.

Em 1919, com a experiência de professor da matéria, lançou outro compêndio, intitulado *Apontamentos de Química Geral*. Escreveu então:

Foi no intuito de lhes facilitar este estudo teórico e geral que redigi estas notas, esforçando-me por conciliar nelas a exatidão e o rigor científico com a feição elementar que as tornasse acessíveis às inteligências novas. Muitos Colégios, inclusive o Pedro II, adotaram este manual. Foram numerosas suas edições.

Em 1941 veio à luz *A Crise do Mundo Moderno*. Na apreciação do Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz:

(...)foi a última obra escrita por Leonel Franca e é não somente a mais ambiciosa doutrinariamente como também representa uma espécie de “Summa” do pensamento francano, erigido nesse terreno entre todos difícil em que o essencial da visão cristã, na sua conceptualização filosófico-teológica, é confrontado com os aspectos fundamentais do novo ciclo civilizatório que o Ocidente vinha cumprindo desde alguns séculos, e que era então conhecido como mundo moderno e hoje é designado como modernidade.⁶

Poucos anos depois, comentou o mesmo autor:

Sem dúvida a obra mais significativa de produção intelectual de Leonel Franca e que representa entre nós como que o ponto de chegada de um primeiro ciclo do amadurecimento teórico do Catolicismo brasileiro que se desenvolveu em torno da idéia diretriz do pensamento cristão nos anos 30, a idéia do humanismo cristão.⁷

No volume V, *Alocações de artigos*, tomo I das *Obras Completas de Pe. Leonel Franca S.J* (1954)⁸, estão transcritas 42 alocações universitárias, pronunciadas em diferentes lugares e ocasiões. Nelas é possível identificar o entendimento do autor quer de Universidade, quer de Universidade Católica. A título de ilustração são transcritas a seguir alguns parágrafos da conferência pronunciada aos 24 de maio de 1934 na inauguração do Instituto Católico de Estados Superiores:

6. “Uma filosofia cristã da cultura: Leonel Franca.” *Síntese. Nova Fase*. 22 (71) p.443, 1995.

7. “Leonel Franca, a Cultura Católica no Brasil.” *Síntese. Nova Fase*. 25 (82), p.325-6, 1998.

8. Rio de Janeiro: Agir, p.125-328.

Universidade Católica! Como se casam bem as duas palavras! A Universidade, esta pátria da ciência, esta depositária das mais elevadas tradições intelectuais de um povo, esta afirmação mais alta da cultura de uma nacionalidade, foi a Igreja Católica que a criou. Criou-a, porque por sua iniciativa se associaram professores e alunos de todas as disciplinas do saber, na unidade de uma grande organização que fosse a Alma Mater de uma dinastia ininterrupta de sábios e o instrumento incansável de progresso da ciência. Criou-a ainda porque, uma vez ideada e executada a instituição, disseminou-a a mãos largas por todo o território da velha cristandade medieval... Paris, Viena, Oxford, Cambridge, Lovaina, Roma, Bologna, Pádua, Alcalá, Salamanca, Coimbra. "Studium universale" foi o nome de origem destes grandes focos do saber, e o eram de fato, porque abraçavam, na sua compreensão real, a integridade dos domínios científicos... Estudava-se Deus, estudava-se o homem, estudava-se o mundo...

Tudo o que a nossa razão podia sondar no oceano infinito da verdade e organizar-se em disciplina racional tinha naturalmente foros adquiridos de cidadania na Pátria Hospitaleira da Ciência, que não conhecia restrições arbitrárias, nem mutilações deformadoras. Disciplinas cosmológicas, disciplinas antropológicas, disciplinas teológicas, coexistiam em paz e desenvolviam-se em harmonia, sem a injustiça de excomunhões recíprocas nem a tirania de ostracismos violentos.

(...) A universidade não é ainda universidade nem menos ainda católica com a simples justaposição da totalidade das disciplinas científicas...

A totalidade das ciências justapostas forma uma multidão; não constitui um organismo. A multidão desorganizada é a anarquia; o organismo não é princípio de ordem, de vida, de atividade senão pela hierarquia essencial que lhe subordina as funções parciais à finalidade do todo...

Neste grande império da verdade e da ciência — que é e deve ser um grande centro de estudos superiores — achamo-nos diante deste dilema inevitável: anarquia ou hierarquia. A realidade é um todo heterogêneo, mas harmônico; o universo é cosmos, não é caos; a totalidade da ciência — que deve espelhar docilmente a

*totalidade do real — não pode ser anarquia, reflexo do caos, mas
jerarquia, expressão do cosmos.*⁹

É muito repetido o pensamento de Capistrano de Abreu: *Não se pode escrever a história do Brasil sem falar na Companhia de Jesus e não se pode escrever a história da Companhia de Jesus sem falar no Brasil*. E a presença dos jesuítas em nosso país é particularmente significativa na área da Educação. A mult centenária cidade de São Paulo nasceu em torno de um colégio fundado por José de Anchieta. Desde o século XVI medraram centros de ensino de alto nível dirigidos pelos inicianos como os de Olinda, Rio de Janeiro e Salvador, onde se formou o genial Padre Antonio Vieira a quem Fernando Pessoa qualificou de *Imperador da língua portuguesa*.

O método pedagógico dos jesuítas está contido no famoso *Ratio studiorum*. O Padre Leonel Franca traduziu-o e acrescentou ao texto valiosos comentários assim como copiosíssima bibliografia. O trabalho foi publicado pela Agir em 1952¹⁰.

Leonel Franca recebeu particularmente em seus estudos filosóficos uma formação tomista. Sua admiração pelo “*Doctor Communis*” aparece muitas vezes em suas obras. Valha como exemplo esta sua avaliação eloqüente:

S. Tomás rompe definitivamente com todas as doutrinas que não se harmonizam com os princípios fundamentais da filosofia aristotélica e inaugura na escolástica o verdadeiro peripatetismo, por ele compreendido, corrigido e aperfeiçoado com gênio não inferior ao do estagirita.

Sua síntese apresenta por isso mesmo um caráter de unidade, uma coesão doutrinária de que não se pode gloriar nenhum outro sistema

9. FRANCA, Leonel. (1954). Universidade Católica. *Alocuções e artigos*. Rio de Janeiro: Agir, Tomo I, p.125-133.

10. Conta Gustavo Capanema: *Quando ministro da Educação, resolvi, por sugestão de Afrânio Peixoto, empreender a tradução das maiores obras de pedagogia universal. Entre os tradutores, não poderia deixar de figurar o nome do Pe. Leonel Franca. Pedi-lhe que traduzisse o Ratio Studiorum, o grande monumento pedagógico dos jesuítas*. Discurso no Senado. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro. 7.9.1948, p. 8596. (apud D’Elboux, L.G.S. op. cit, pp. 241-2) Sobre o Ratio Studiorum Ver: CHACON, Vamireh. (1998). *O humanismo ibérico*. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, p.181-199; MADUREIRA, José Manuel de, S.J. (1927). *A liberdade dos índios, a Companhia de Jesus, sua pedagogia e seus métodos*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. O método pedagógico da Companhia de Jesus é analisado às p.345-643.

escolástico. É uma estrutura compacta de partes rigorosamente concatenadas em que as idéias constitucionais, simples e profundas, repercutem harmoniosamente em todas as particularidades.

Seu método é analítico-sintético, em que nem se desprezam os direitos da experiência nem se conculcam os princípios da razão. A linguagem é sóbria, límpida e concisa, revestindo conceitos profundos com precisão admirável. Ninguém, como ele, possui a arte de dizer tantas coisas em tão poucas palavras¹¹.

Ao final da VI Parte de seu livro *Noções de História da Filosofia*, Leonel Franca dedica o capítulo IV à Filosofia neo-escolástica. Para ele, esta, embora professando um patrimônio comum de teses constitutivas do núcleo essencial de todo tomismo¹², apresenta três direções distintas: a dos mais conservadores; a dos progressistas; e a dos de atitude menos polêmica e mais compreensiva. Nesta última tendência, movem-se Serpillanges, Rousselot e Marèchal. Franca fala destes últimos com simpatia.

IV. Atuação apostólica e acadêmica

A rica, vasta e complexa produção literária de Leonel Franca é, em grande parte, o resultado de seu aprendizado religioso e das missões que lhe foram atribuídas ao longo de sua vida. Concluída sua formação, volta, como sacerdote, ao Brasil, em setembro de 1925. Após menos de ano e meio de magistério em Nova Friburgo, é transferido, por razões de saúde, para o Rio de Janeiro, onde permanece até seu falecimento em 1948. Sua residência foi o Colégio Santo Inácio, em Botafogo.

As frutuosas atividades pastorais e acadêmicas de Pe. Leonel Franca desenvolveram-se sob as diretrizes do zeloso e esclarecido Dom Sebastião Leme, Cardeal desde 1930, que governou a arquidiocese do Rio de Janeiro por vinte anos, até seu desenlace em 1942. Houve entre ambos sólida amizade e grande mútuo apreço.

11. FRANCA, Leonel. (1964). *Noções de História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 17ª edição revisada, p.104.

12. O pensamento de Franca a respeito encontra-se também em seus magistras artigos “Caracteres fundamentais do Tomismo publicado em *A Ordem*, Rio de Janeiro: IX (3), set. de 1929 e republicado em FRANCA, Leonel. (1954). *Alocuções e Artigos*. Rio de Janeiro: Agir, Tomo II, p.9-32; e “A história da Filosofia na doutrina de S. Tomás de Aquino”, publicado na *Revista de Cultura*, I (5), maio de 1927 e republicado no tomo acima citado, p.78-104.

Foi grande sua contribuição para a Casa de Retiro na Gávea. Considerava os Exercícios Espirituais e a direção espiritual instrumentos privilegiados para a formação e aprimoramento das almas. Foi exímio confessor e diretor como atestam numerosas pessoas, a exemplo de Alceu Amoroso Lima.

Distinguiu-se como assistente eclesiástico do Centro Dom Vital, da Sociedade Jurídica Santo Ivo, e da Ação Universitária Católica.

O Centro Dom Vital fundado, em 1923, pelo convertido e extrovertido sergipano Jackson de Figueiredo (1891-1928), irradiou fé e cultura. A revista *A Ordem*, nascida em 1921, pelas mesmas mãos, tornou-se o seu grande órgão de comunicação¹³. Nela Franca publicou vários artigos e nele proferiu numerosas conferências. Na sua platéia havia intelectuais dos mais diversos horizontes.

Fecunda foi também a assistência eclesiástica prestada pelo Pe. Franca à Sociedade Jurídica Santo Ivo. Estabelecida em 1928, reunia magistrados, professores de Direito e advogados católicos.

Coube ao Pe. Franca papel de relevo na fundação, em 1929, da Ação Universitária Católica. No ano seguinte, elaboraram-se os estatutos e constituiu-se a Diretoria. Criaram-se núcleos em Pernambuco, São Paulo e outros estados. Iniciativa benéfica do AUC foi a realização da Páscoa dos Intelectuais.

Exemplos de outros serviços prestados à Igreja são: ajuda, a Dom Leme, na organização da Liga Eleitoral Católica; assessoria teológica ao Concílio Plenário Brasileiro realizado no Rio de Janeiro em 1939; elaboração de um esboço completo de concordata entre o Brasil e a Santa Sé; assistência eclesiástica à Associação de Professores Católicos (A.P.C.), à Legião de S. Sebastião que nela se formou e à Confederação Católica Brasileira de Educação.

As várias iniciativas e atividades pedagógicas de Pe. Franca na década de 1930 foram prelúdio para a fundação da Universidade Católica no Rio de Janeiro. A Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro de 1939, para cuja redação muito contribuiu ele¹⁴, dizia:

De nossas escolas e colégios tratamos como de um fato; da nossa Universidade só nos é permitido falar como de uma esperança.

13. O Volume 92 de *A Ordem*, ano 82, 2003, sob a direção operosa de Tarcísio Padilha é dedicado aos 80 anos de existência do Centro Dom Vital.

14. MAIA, Pedro Américo. (1982). *Padre Leonel Franca*. São Paulo: Loyola, p.51.

*Esperança ainda, mas que se quer imediatamente realizada. Ao Brasil Católico já não é possível viver sem esta artéria vital de seu organismo religioso. Por sua natureza a Universidade é o centro onde se elaboram as grandes sínteses do saber, o seminário de formação dos sábios que impulsionam os progressos do conhecimento, o laboratório em que se preparam os elementos superiores da administração e da vida profissional do país, numa palavra, o órgão conservador e transmissor de todo o patrimônio de uma civilização... Reconhecer-lhe esta influência soberana nos destinos de um povo é afirmar, ao mesmo tempo, para a Igreja, a necessidade inadiável de possuir a sua “Alma Mater”. Como expressão cultural, superior do catolicismo e como instrumento imprescindível de sua irradiação ampla e benfazeja, em todas as esferas sociais, a universidade católica é, para o Brasil, penhor de vida no presente e promessa de mais seguro porvir. A realização deste ideal exigirá, como todas as obras de Deus, grandes sacrifícios, dedicações puras e generosidades inesgotáveis. Mas o Brasil não mentirá às nossas esperanças nem se mostrará surdo à confiança do nosso apelo. A fundação da universidade católica será a glória da nossa geração*¹⁵.

Em uma das reuniões preparatórias da futura Universidade Católica disse o Cardeal Leme: *Precisamos de muita coisa: alunos, professores, sede própria, dinheiro, legalização etc. Mas já temos o essencial, um Santo*¹⁶.

Aos 22 de dezembro de 1940, o Padre Franca recebeu a Provisão do Cardeal, nomeando-o reitor das Faculdades Católicas desde o anterior dia 12¹⁷. Em outubro de 1946, por decreto do Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, surgiu a Universidade *pleno jure*. Decreto *Laeta Coelo Ridens*, de 20 de janeiro de 1947, concedeu a ela o título de Pontifícia.

15. *Cor — revista eclesiástica brasileira*. Petrópolis. Vozes. Ano I, Vol. II, 15. ago. 1939, p.483-484. Já nos tempos coloniais os jesuítas da Bahia contendiam por lograr uma universidade nos moldes da de Évora (LACOMBE, Jacobina. (1988). Prefácio à obra de Arnaldo Niskier. *A educação no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, p.15). Dom Sebastião Leme, em sua famosa pastoral aos seus diocesanos de Olinda ansiava por uma universidade católica nos termos da belga de Lovaina.

16. LIMA, Alceu Amoroso. (Tristão de Athayde) Um futuro Santo? *Folha de S. Paulo*, 25.9.1981, p.3.

17. D’Elboux, L.G. *Op. cit.* p.248.

Foram também muitos os serviços prestados pelo Pe. Franca a instituições governamentais, na condição, por exemplo, de: membro do Conselho Nacional de Educação desde sua fundação em 1931 até 1948; membro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a partir de 1937; Consultor Técnico do Conselho Nacional de Estatística; membro da Comissão Censitária Nacional; autor de anteprojeto do Plano Nacional de Educação (1937); membro da Comissão Nacional do Livro Didático (1939); Delegado do Governo no Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), órgão ligado à UNESCO.

V. Considerações finais

A notícia de que seria ou teria sido, recentemente, introduzida a causa de beatificação do Pe. Leonel Franca ocasionou mais um testemunho eloqüente e caloroso de Alceu Amoroso Lima, já em seus 88 anos de idade. Salientou ele que

em um céu sem estrelas ou de estrelas em desordem, Leonel Franca veio a ser, para grande parte de nossa geração, a estrela-guia de um novo astrolábio. Veio trazer-nos o espírito de certeza e de afirmação, em vez do espírito de dúvida ou de negação, em que tínhamos sido formados. Esse novo espírito, porém, nada tinha de dogmático ou de arrogante, mas ao contrário, de segurança na liberdade. Essa segurança na liberdade é que iria, ao longo de três decênios, manifestar Leonel Franca nos seus livros; em sua organização da Universidade Católica; em suas polêmicas... mas sobretudo na meia-luz das confidências e das confissões; pois Franca foi sempre um extraordinário diretor das consciências¹⁸.

Para ele, exímio pedagogo, *a alma da educação sempre foi a educação da alma.*

Referências Bibliográficas

1. As obras do Pe. Leonel Franca estão elencadas no capítulo III deste artigo.

2. É muito grande a bibliografia sobre ele. A título de ilustração citam-se os seguintes exemplos:

18. LIMA, Alceu Amoroso. (Tristão de Athayde). Um futuro Santo? *Folha de S. Paulo*. 25.9.1981, p.3.

- CARVALHO, José de Assis. Leonel Franca, mestre do pensamento católico. *Rumos*. Revista de Cultura. 5 (8): 112-127, jun. 1993. Republicado em Carvalho, José de A. (1995). *Rumos do Pensamento Católico. Retratos*. Ouro Preto: Ser, p.71-87.
- D'ELBOUX, Luiz Gonzaga da Silveira (1953). *O Padre Leonel Franca*. Rio de Janeiro: Agir.
- FONSECA, Roberto Piragibe da. CASTAGNOLA, Luís. *História da filosofia*. 15^o. Ed. São Paulo: Melhoramentos.
- LIMA. Alceu Amoroso (1973). *Memórias Improvisadas*. Diálogos com Medeiros Lima. Petrópolis: Vozes. O cofre de Sândalo. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 13/03/1980.
- MAIA, Pedro Américo (1982). *Padre Leonel Franca* — São Paulo: Loyola.
- MENDES, Cândido (1993). Leonel Franca. O mito sôfrego. *Jornal do Brasil*. 5.1.
- MENDES DE ALMEIDA, Luciano. Padre Leonel França. *Folha de S. Paulo*, 20/03/1993, Caderno Brasil, p. 1-2.
- MENDONÇA, Ana Waleska Pollo C. Leonel Edgar da Silveira Franca (1999). In: Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Brito (organizadores). *Dicionário de Educação no Brasil — Da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: MEC — URFJ.
- MOURA, Odilon O. S. B. (1978). *As idéias católicas no Brasil — Direções do pensamento católico do Brasil no século XX* — São Paulo: Convívio, cap. VIII. O Padre Leonel Franca S.J.
- Padre Leonel Franca — *Folha de S. Paulo* — Caderno Brasil — nº 23362 — 20.3.1993, p.1 e 2.
- TORRES, João Camilo de Oliveira (1968). *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima (1995). Uma filosofia cristã da cultura: Leonel Franca. *Síntese — Nova Fase* — 22 (71): 441-452, out.dez.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima (1998). Leonel Franca e a cultura católica no Brasil. *Síntese. Nova Fase*. 25 (82): 317-328, jul.set.
- VAZ. Henrique Cláudio de Lima (2001). Humanismo hoje: tradição e missão. In: Arno Dal Ri Júnior e Jayme Paviani. (org.). *O humanismo latino no Brasil de hoje*. Belo Horizonte: PUC Minas e Instituto Jacques Maritain, pp. 23-24.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. O fundados da PUC. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 21/12/1992, p. 11. Artigo reproduzido como editorial na Revista *Síntese*. Belo Horizonte: 20(60): 5-7, 1993.
- VITA, Luis Washington (1968). *Antologia do Pensamento Social e Político no Brasil*. S. Paulo: Grijalvo, Leonel Franca, pp. 134-144.